

Metralhadoras, foguetes e fuzis, a conspiração que armou civis e militares

Relatos inéditos citam união de oficiais, empresários e políticos no Rio e em São Paulo para a aquisição de armamento pesado

MARCELO GODOY

Era 31 de março quando um grupo de oficiais da Aeronáutica se concentrou na Escola Anne Frank, perto do Palácio Guanabara, onde se entrenchinara o governador Carlos Lacerda. Tinham um jipe com um lançador de foguetes e metralhadoras. A 400 km dali, no Regimento de Cavalaria da Força Pública de São Paulo, o tenente-coronel Adatao Fernandes de Andrade pôs a tropa em forma e disse: “O general Olympio Mourão saiu de Minas em direção ao Rio. Eu estou com ele. Quem não quiser pode ir para casa e só voltar quando terminar a revolução”. Não saiu ninguém de forma.

O que ligava os militares reunidos no Rio e os de São Paulo era uma conspiração que contou com a participação de empresários, políticos e oficiais do Exército e da Força Aérea para providenciar armas aos grupos que se preparavam para derrubar o presidente João Goulart. Eles contaram com compras de fuzis e metralhadoras no exterior e com o desvio de armamento no País. Também houve treinamento de combate. Eis aqui uma história pouco conhecida sobre os meses que antecederam o golpe que mudou o País.

Nunca se soube a extensão dessas compras e quanto foi gasto. Mas elas envolveram pessoas ligadas ao governador de São Paulo, Ademar de Barros, que se gabava, depois de vitorioso o golpe, para o general Amaury Kruehl, comandante do 2.º Exército, de ter armado 400 pessoas. Aliomar Baleeiro, ex-presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), contou que muitas delas foram parar nas mãos de fazendeiros. Em São Paulo, o tenente-coronel Rubens Resstel, do 2.º Exército, organizava a vinda de armas do Paraguai.

As informações estão em relatos inéditos de dois oficiais da antiga Força Pública e de um coronel da Força Aérea. Eles participaram não só da conspiração, como estiveram na linha de frente dos rebeldes contra Jango, no dia 31 de março, quando a sorte do movimento inicia-

do por Mourão Filho não havia sido ainda decidida. Peça central nessa trama teve um velho conspirador, homem envolvido na revolta de Aragarças, contra o presidente Juscelino Kubitschek. Tratava-se do tenente-coronel-aviador João Paulo Moreira Burnier, que, anos mais tarde, fundaria o Centro de Informações de Segurança da Aeronáutica (Cisa).

ARSENAL. Conta o então tenente Lúcio (hoje coronel L.W.B.G.) – um dos entrevistados – que o telefone tocara em sua casa na noite do dia 30 de março. Era dona Nilza, a mulher de Burnier. “O João Paulo disse para você se armar e ir para a Escola Anne Frank.” O marido estava em Minas, trazendo granadas e dinamite para os conspiradores, no Rio. Nos meses anteriores, o coronel dedicara-se a contrabandear e a desviar armas para seus companheiros no Rio, em Minas e em São Paulo. Trouxe metralhadoras checas para os mineiros e para os pernambucanos. Com os paulistas arrumou fuzis para a Força Pública e foguetes da fábrica Paraiba.

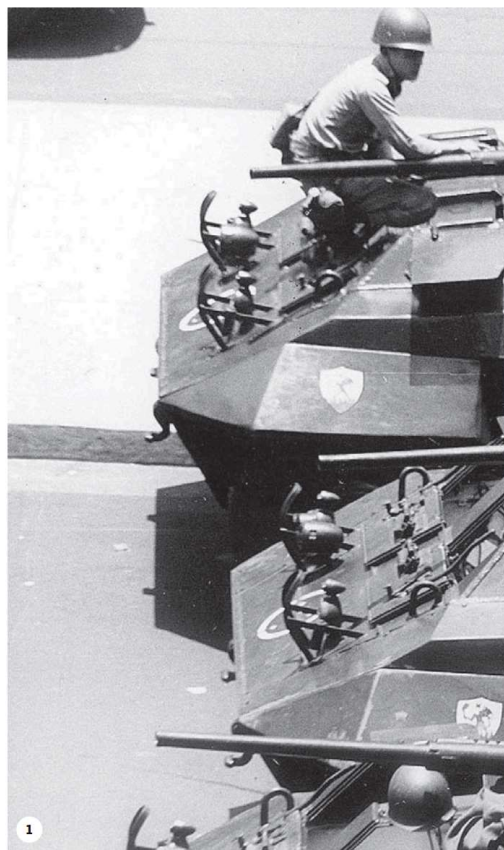
Eles foram montados em plataformas em cima de 18 Jeeps para enfrentar os carros de combate do Exército, caso tentassem deter os revoltosos. Um dos oficiais que manipularam

esse equipamento, o coronel Newton Borges Barbosa, do Regimento de Cavalaria da Força Pública de São Paulo, contou: “Faziam o chamado tiro tenso, que é executado com ângulos de elevação pequeno, cargas fortes e velocidade elevada”. A trajetória dos disparos era rasteira. Em São Paulo, dois capitães da Força Pública paulista – Barbosa e Salvador D’Aquino, homens de confiança do tenente-coronel Adatao –, eram os responsáveis pela guarda das armas e dos foguetes.

“Você sabe como funciona a granada antitanque? Chama efeito Monroe. A granada dentro, você não enche de trotil, o trotil parece uma massa de janela, você pega o cone de cobre e enfia o cone assim, dentro, e forma um losango, um espaço oco e na frente o bico do foguete. E quando ela detona, ela desenvolve uma onda de calor concentrada em um centímetro. Então, fora do blindado não acontece nada, não arranha a pintura, mas lá dentro o calor incendeia todo o material combustível, óleo e explosivo. Não é o tiro que detona o carro de combate, mas o calor liberado pelo artefato”, contou Barbosa.

Ele prossegue: “Foi feito teste com cabeça de explosivo desativada. Eram um ‘gafanhoto’ com quatro rampas de lançamento, que foram fabricados nos chassis da Rural. O disparo era elétrico. Os foguetes foram comprados direto da fábrica”. Barbosa conta que Adatao era a ligação de Burnier em São Paulo. “Com o Burnier eu estive várias vezes. A gente viajava sexta-feira à noite e voltava no domingo. Foram feitas várias viagens. Em Macaé, fizemos o teste para lançamento. O alcance era 4 mil metros. Lá no campo (de teste) tinha oficiais do Exército e da Aeronáutica. Eu era o único paulista ali.”

VETERANOS. Os foguetes e granadas deviam enfrentar os blindados do 2.º Regimento de Cavalaria Mecanizada, com sede na capital paulista, se o general Kruehl resolvesse defender o governo de Goulart. Os carros de combate do Regimento eram os Stuarts e os blindados eram os M-8, ambos veteranos da 2.ª Guerra Mundial. Foram eles que, três anos antes, conduziram Barbosa e seus colegas policiais presos, depois de eles cercarem o palácio do governo paulista em busca de aumento salarial, a chamada “greve dos bombeiros” – todos acabaram



anistiados mais tarde.

Nas décadas seguintes, Barbosa chefiaria o Serviço de Informações da corporação paulista e chegaria a subcomandante da PM, durante o governo de Franco Montoro (1983-1987) – ele faleceu em maio de 2022. “Nós tínhamos quatro esquadrões de tropa efetiva. Um deles, de esquadrão de metralhadora Madens. Cada pelotão tinha 3 e tinha (metralhadora) Hotchkiss pesada. Elas eram transportadas pelos cavalos. Era a tropa mais treinada de São Paulo. Nós trabalhávamos para combate, sabendo o que ia acontecer.”

Futuro fundador da Rota, D’Aquino chegaria ao posto de coronel. Ele estava de prontidão na sua companhia, na véspera do golpe. “Eu cheguei a receber um caminhão de munição. De metralhadora, fuzil.” D’Aquino prosseguiu em seu depoimento. “Recebi, mais ou menos, na véspera do movimento. Na noite de 30 (de março) para 31. Havia a expectativa da manifestação do Amaury Kruehl. O comando (do 2.º Exército) era na Conselheiro Crispiniano e ali seria duro. E a gente tinha um plano de ação, tinha uma missão.” D’Aquino morreu em 2005, pouco depois dessa entrevista. “O próprio comandante-geral (da Força Pública) – a gente não sabia qual a posição dele –, o ge-

neral Franco Pontes, se ele era a favor ou contra”, afirmou.

Os lançadores de foguete de que a Força Pública dispunha eram montados no Jeep. “O Lacerda passou a mão em um, que era da Força Pública. Ficou para o Lacerda. Você deve saber da história dos carros de combate do Etchevoyen (na verdade, o tenente Freddie Perdigão) que estavam em direção ao lançador. Os lançadores tinham o tiro tenso. Estava apontado para os dois tanques, mas os tanques iam lá para defender o Palácio”, contou Barbosa, remetendo novamente essa história para os conspiradores no Rio.

ESCOLA. No dia do telefonema de Nilza para o tenente Lúcio, o governador da Guanabara mandara esvaziar a escola para que servisse de quartel-general aos homens de Burnier. Seu secretário de Segurança, coronel Gustavo Borges, era quem fazia os contatos com o tenente-coronel-aviador. Em trajas civis, Burnier e seus homens chegaram à escola, onde permaneceriam por três dias.

Tudo ainda era nebuloso no dia 31. Parte do Exército e da Força Aérea hesitava, à espera de ordens do presidente Goulart – o golpe seria vitorioso apenas no dia seguinte. Naquela manhã, aproximaram-se da ②